



TRABALHO REMOTO E SOCIOEDUCAÇÃO UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO NO CRIAD DUQUE DE CAXIAS

Flávia Roberta Bezerra Balbino¹
Michele Paixão Bispo²
Thaís Félix Motta³
Stephany Petronilho Heidelmann⁴
Gabriela Salomão Alves Pinho⁵

INTRODUÇÃO

É esperado dentro dos cursos de Licenciatura que os mesmos forneçam os subsídios necessários para formar profissionais cada vez mais preparados para os desafios em sala de aula. Segundo Imbernón (2011, p. 12),

Essa necessária renovação da instituição educativa e esta nova forma de educar requerem uma redefinição importante da profissão docente e que se assumam novas competências profissionais no quadro de um conhecimento pedagógico, científico e cultural revistos. Em outras palavras, a nova era requer um profissional da educação diferente.

Esses subsídios que formarão os novos profissionais de educação englobam todos os potenciais ambientes em que esses estudantes vão se inserir e os diferentes públicos e desafios que enfrentarão quando, enfim, estiverem formados.

Um desses potenciais públicos são os adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa. E sobre a socioeducação, a Resolução do Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE) diz que ela tem uma “natureza sancionatória”, já que parte de seu intuito é a responsabilização judicial dos adolescentes através do cumprimento das medidas socioeducativas, mas que ela possui “sobretudo uma natureza sociopedagógica, haja vista que

¹ Graduanda pelo Curso de Licenciatura em Química do Instituto Federal do Rio de Janeiro-IFRJ, flbalbino@gmail.com;

² Graduanda pelo Curso de Licenciatura em Química do Instituto Federal do Rio de Janeiro-IFRJ, makeup.mipaixao17@gmail.com

³ Graduanda pelo Curso de Licenciatura em Química do Instituto Federal do Rio de Janeiro-IFRJ, thaissfelix017@gmail.com;

⁴ Doutoranda em Educação na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro-PUC, stephanypheidelmann@gmail.com;

⁵ Professora orientadora: doutora em Psicologia, professora do Instituto Federal do Rio de Janeiro-IFRJ, gabriela.pinho@ifrj.edu.br.



sua execução está condicionada à garantia de direitos e ao desenvolvimento de ações educativas que visem à formação da cidadania” (CONANDA 2006, p. 47).

Em vista disso, o grupo composto de licenciandas em Química e docentes do Instituto Federal do Rio de Janeiro *campus* Duque de Caxias desenvolveu o projeto de pesquisa “A alfabetização científica na socioeducação como estratégia de inclusão social”, com o objetivo de realizar atividades que articulam a alfabetização científica através de propostas instigantes com temas do cotidiano, possibilitando a aprendizagem que relacione os conhecimentos científicos e a cidadania, pois, como aponta Costa (2006, p. 55): “Toda pessoa nasce com um potencial e tem o direito de desenvolvê-lo. Para desenvolver o seu potencial as pessoas precisam de oportunidades”.

Este trabalho vem sendo desenvolvido desde 2016 com adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas de forma presencial na unidade CRIAAD (Centro de Recursos Integrados de Atendimento ao Adolescente) de Duque de Caxias, uma unidade que recebe adolescentes no regime de semiliberdade. Em decorrência da pandemia do Novo Coronavírus no ano de 2020, o trabalho realizado precisou se adaptar ao novo desafio do ensino remoto. Conforme afirma Moreira et. al. (2020, p.354)

A virtualização dos sistemas educativos a que neste momento estamos sendo obrigados a efetuar pressupõe a alteração dos seus modelos e práticas e “obriga” o professor a assumir novos papéis, comunicando de formas com as quais não estava habituado.

Diante disso, as atividades desenvolvidas com os adolescentes precisaram sofrer adaptações, entendendo o atual momento vivido e buscando alternativas para a continuidade do trabalho de forma eficiente, atingindo os objetivos propostos. São objetivos do projeto: incentivar diferentes habilidades científicas nos adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa; fomentar no adolescente em cumprimento de medida socioeducativa a importância do ensino de ciências, como estratégia de inclusão e pertencimento; priorizar a contextualização, problemas reais e estudar a ciência enquanto processo em construção; desenvolver atividades voltadas para o desenvolvimento da cidadania, habilidades de vida, convívio social, cooperação e reflexão crítica por intermédio da contextualização do cotidiano e das diversas vivências dos adolescentes; aprimorar metodologias e estratégias de intervenção que facilitem e deem um suporte para o ensino e a aprendizagem da ciência; e, dispor, durante a execução das oficinas propostas, o pensamento constante do real sentido da formação de futuros professores, a mediação teoria-prática necessária para um fazer educativo de base popular.



Portanto, no presente trabalho serão apresentadas e discutidas as diversas adaptações que foram realizadas para alcançar esses objetivos, bem como os resultados obtidos durante essa nova etapa do projeto durante a pandemia do Coronavírus.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

As atividades do projeto de pesquisa são realizadas semanalmente, através da plataforma Google Meet, com duração de 1h e 15min, onde são apresentados e discutidos os temas para alfabetização científica através do uso de slides, jogos, imagens e vídeos. A escolha dos assuntos a serem trabalhados se dá a partir das sugestões dos próprios adolescentes, gerando uma maior conexão com seus interesses, contribuindo para ampliar seu protagonismo no processo de aprendizagem e sensação de pertencimento ao ambiente de ensino proporcionado nos encontros virtuais.

Após o mapeamento dos adolescentes, onde são colhidos dados, como nome, bairro de residência, idade, escolaridade e temas de interesse, as licenciandas fazem todo o processo de pesquisa, elaboração de materiais, estruturação da metodologia e adequação de linguagem para trabalhar cada temática. Em cada oficina participam em média 6 adolescentes e 3 participantes do grupo de pesquisa para mediação. São trabalhados temas como: poluição, gênero e sexualidade, alimentação e saúde, coronavírus, meio ambiente, drogas, água e sustentabilidade.

Durante o processo de elaboração das intervenções são pensadas estratégias de enfrentamento para as dificuldades geradas pelo ensino remoto, como a dificuldade de estabelecer vínculo com os alunos, que é amenizada pelo uso de jogos e questionários, pois permite uma comunicação maior; a diminuição do tempo de fala das mediadoras e um maior estímulo às contribuições dos participantes; possíveis necessidades de adequações do planejado em decorrência da instabilidade da internet e limitações no uso dos recursos, utilizando-se, assim, vídeos de carregamento leve, plataformas de fácil manuseio para a realização dos jogos, e um foco maior nos momentos de discussão.

As análises que serão apresentadas se deram a partir dos encontros realizados entre fevereiro e agosto de 2021.

RESULTADOS E DISCUSSÃO



Um dos fatores observados a respeito dos adolescentes e que é levado em consideração na proposição e adaptação das temáticas é a descontinuidade escolar que muitos apresentam, e uma defasagem em relação a idade e a série. A escola que deveria ser o local de inclusão desses adolescentes, passa a ser o local da exclusão, como aponta Alves (2010)

Na escola circulam as mesmas representações sociais da sociedade sobre o adolescente em conflito com a lei: medo, indiferença, dó, compaixão e hostilidade; há uma forte tendência de reforçar preconceitos e comparações entre o padrão de comportamento do aluno desejado, tido como “normal”, e do aluno “problema”. Diante deste contexto, o adolescente autor de ato infracional se apresenta à escola como um desafio e, em alguns casos, como um “problema”, chegando a situações extremas de o aluno só ser aceito sob determinação judicial, por mais contraditória que a situação possa parecer. (p. 27).

Ao longo das atividades podemos perceber o envolvimento dos adolescentes em relação aos temas trabalhados. Muitos conseguem fazer relações com suas vivências cotidianas e os temas, e assim construir uma nova visão sobre os assuntos. Os temas são pensados a partir de questões que podem surtir uma curiosidade maior nos adolescentes, e esse intuito é alcançado quando notamos a participação deles, através de perguntas e questionamentos, e o estabelecimento de relações com outros assuntos. No tema relacionado às Drogas, ao serem questionados sobre qual substância/produto a gente usa de manhã para ajudar a nos manter ativos e acordados, um dos adolescentes respondeu “pó”, onde a resposta esperada seria café, cafeína. O que demonstra que as relações entre os temas, ou as perguntas que geralmente esperamos sobre determinados temas, nem sempre acontecem como planejado, o que nos obriga a pensarmos a forma de trabalhar as temáticas sempre a partir do ponto de vista dos adolescentes, de suas vivências e realidades.

Ao longo desse período remoto encontramos alguns atravessamentos para manter o ciclo semanal de atividades. O primeiro deles é a rotatividade dos adolescentes, em decorrência do tempo que eles ficam na instituição. Esse fator tem impacto na receptividade dos jovens a respeito das atividades, uma vez que os vínculos formados contribuem para a adaptação e aceitação deles em relação à proposta, principalmente por se tratar de um ambiente remoto. Outro problema são as condições de acesso à internet. Em algumas ocasiões, as atividades não puderam ser realizadas devido a falta de internet da unidade socioeducativa, que não possuía estrutura para realização de atividades remotas antes da pandemia, e sofreu adaptações para que os adolescentes pudessem estudar e realizar as audiências com os juízes da vara da infância e juventude, uma vez que as aulas no ensino regular e as audiências também estão ocorrendo de forma remota.

Algumas vezes a dificuldade está em conseguir manter a atenção dos adolescentes, uma vez que há apenas um computador para todos utilizarem, o que acaba contribuindo para que



eles fiquem mais dispersos. A falta de testes para a Covid 19 também já foi impeditivo para os encontros, uma vez que todos eles são testados semanalmente antes de entrarem na instituição, e não conseguindo fazer o teste eles são dispensados da Instituição e precisam voltar para casa.

Todos os processos envolvidos na elaboração das atividades, atrelados às dificuldades enfrentadas na aplicação das mesmas, faz com que seja necessária uma adaptação constante em relação aos planejamentos, e até mesmo durante a realização das atividades. O que parece ser frustrante, pois o objetivo a princípio pensado acaba sendo modificado, mas essa modificação às vezes auxilia no entendimento por parte dos adolescentes e contribui de forma significativa para a atividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia ocasionada pelo Coronavírus obrigou as instituições de educação a se adaptarem para um novo formato de ensino em ambiente remoto. Em se tratando de um curso voltado para a área da licenciatura, a possibilidade de poder trabalhar a adaptação metodológica do que anteriormente era presencial, para o remoto, é de suma importância na formação dos futuros licenciados.

A adaptação das atividades para o ambiente remoto também proporcionou aos adolescentes novas possibilidades de interação e de obtenção de informações, apesar das dificuldades já apontadas. Além disso, objetiva-se a possibilidade de um despertar em relação à retomada do vínculo com a escola, já que muitos deles são evadidos da escola, o que na maioria dos casos não ocorre.

Palavras-chave: Socioeducação, Adolescentes, Trabalho Remoto, Ensino de Ciências.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Vanessa . **A escola e o adolescente sob medida socioeducativa em meio aberto.** Revista Brasileira Adolescência e Conflitualidade, 3, 23-35, 2010.
- CONANDA – CONSELHO NACIONAL DOS DIREITOS DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. **Resolução nº 119 do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente.** Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE). Brasília – DF: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2006.



COSTA, Antonio Carlos Gomes da (coord). **Socioeducação: Estrutura e funcionamento da comunidade educativa.** Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2006.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza.** 9. ed. São Paulo, SP: Cortez, 2011.

MOREIRA, J. António; HENRIQUES, Susana; BARROS, Daniela Melaré Vieira. **Transitando de um ensino remoto emergencial para uma educação digital em rede, em tempos de pandemia.** Dialogia, p. 351-364, 2020.